

O LÚDICO COMO ESTRATÉGIA PARA A APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE

(THE PLAYFUL AS A STRATEGY FOR LEARNING OF CHILDREN WITH SPECIAL EDUCATIONAL NEEDS IN SPECIALIZED EDUCATIONAL SERVICE – AEE)

Amanda Gomes de Oliveira¹

Léia da Costa Ribeiro²

Maria Isabel Chaves Brandão³

Sara de Sousa Mesquita⁴

Vanesca Costa Oliveira⁵

Prof. Lucíola Lima Caminha Pequeno⁶

RESUMO

O presente artigo aborda sobre o uso do lúdico como estratégia de aprendizagem para as crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) atendidas pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE). O objetivo da pesquisa é compreender de que forma o lúdico, como estratégia de aprendizagem, pode contribuir para o desenvolvimento das crianças com NEE, e quais estratégias e recursos são utilizados. Como metodologia, usou-se da pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo em uma abordagem qualitativa. O lócus escolhido foi uma escola da rede Municipal de Fortaleza. O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, realizada com a professora do Atendimento Educacional Especializado. Os dados obtidos nos levaram a conclusão de que o uso do lúdico contribui para a aprendizagem das crianças com NEE, devendo as estratégias serem adaptadas, considerando as particularidades das crianças atendidas na sala de recursos multifuncionais.

PALAVRAS - CHAVE: Lúdico. Necessidades Educacionais Especiais. Atendimento Educacional Especializado. Aprendizagem.

ABSTRACT

This article discusses the use of play as a learning strategy for children with Special Educational Needs (SEN) served by the Specialized Educational Service (ESA). The objective of the research is to understand how the playful, as a learning strategy, can contribute to the development of children with SEN, and what strategies and resources are used. As a methodology, we used bibliographic research and field research in a qualitative approach. The chosen locus was a school of the Municipal network of Fortaleza. The data collection instrument was a semi-structured interview, conducted with the teacher of the Specialized Educational Service. The data obtained led us to the conclusion that the use of play contributes to the learning of children with SEN, and the strategies should be adapted, considering the particularities of the children served in the multifunctional resources room.

KEY-WORDS: Playful. Special Educational Needs. Specialized Educational Service. Learning.

¹ Aluna do curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: amanddagomess23@gmail.com

² Aluna do curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail:ribeiroleiacosta@gmail.com

³ Aluna do curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail:Mariaisabelch77@gmail.com

⁴ Aluna do curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: saramesquitasousa@gmail.com

⁵ Aluna do curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. e-mail:Vanescaoliveira70@gmail.com

⁶ Professora orientadora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. Email: luciola.pequeno@professor.uniateneu.edu.br

1 INTRODUÇÃO

As crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) são aquelas que têm deficiências, distúrbios no neurodesenvolvimento ou dificuldades de aprendizagem, podendo precisar de um suporte para superar questões como a desatenção, a hiperatividade, as complicações na memorização e outras dificuldades individuais que podem atrasar o seu desenvolvimento escolar.

No aspecto educacional, sabemos que é direito de toda criança, independentemente de sua condição, ter uma educação em uma escola regular, que ofereça um ambiente acolhedor, inclusivo e que atenda às necessidades pedagógicas de cada aluno, em suas mais diversas etapas. É necessário que a escola ofereça oportunidades, recursos, estratégias e metodologias adequadas para suprir essas particularidades. Dentre as estratégias que podem ser utilizadas pela escola, podemos citar o uso do lúdico como uma atividade facilitadora e metodológica, na qual as crianças podem aprender e se desenvolver de forma dinâmica, pois sabemos que o lúdico proporciona uma aprendizagem eficaz e prazerosa, podendo ajudar a criança desenvolver os aspectos cognitivo, emocional e social. No caso de crianças com necessidades educacionais especiais, esse recurso pode ser aplicado tanto na sala de aula regular, como na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O atendimento educacional especializado (AEE) é um serviço da educação especial que acontece na escola e oferta atividades no contraturno direcionadas a alunos com necessidades educacionais especiais; lá são utilizadas diversas estratégias que servem para auxiliar os alunos em suas dificuldades. É na sala de recursos multifuncionais onde o aluno irá experimentar várias atividades de forma lúdica e criativa. O profissional que atua nessa sala, deve ter qualificação apropriada para que, depois de conhecer o aluno, possa direcionar melhor a metodologia que será usada, de acordo com a necessidade de cada um. Nesse contexto, entendemos que o AEE, deve oferecer diversas estratégias e recursos para o desenvolvimento da criança e que se faz necessário o uso de técnicas que se utilizem da ludicidade para que se chegue a um objetivo, ajudando as crianças em suas mais diversas dificuldades.

A pesquisa justifica-se devido a necessidade de compreender melhor o funcionamento da sala de AEE, especificamente a utilização do lúdico com crianças com NEE, além de ser relevante para o curso de pedagogia, tendo em vista que o lúdico é abordado durante toda a nossa formação e frequentemente utilizado pelos professores para facilitar a compreensão dos

conteúdos pelos alunos. Outro motivo relevante para a escolha, foi o fato de uma das integrantes ser mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e enfrentar diversos desafios para incluir sua filha na escola em que ela estuda, fazendo-nos refletir sobre esse entrave que assola muitas crianças no ambiente escolar. Ademais presenciamos em nossos estágios obrigatórios uma certa carência da abordagem lúdica na sala de AEE.

Educar é um ato desafiador e mesmo com a formação continuada, novos desafios aparecem e temos que lidar com eles para nos aperfeiçoar como professores. Nessa perspectiva, surge o seguinte questionamento: o uso do lúdico em atividades na sala de atendimento educacional especializado facilita o desenvolvimento das crianças atendidas? O objetivo geral que pretendemos alcançar é compreender de que forma o lúdico como estratégia de aprendizagem na sala de recursos multifuncionais, pode contribuir para o desenvolvimento das crianças, identificando as estratégias e recursos utilizados pelo professor.

2 ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS E O LÚDICO

O professor, mediador do conhecimento, é responsável por apresentar de forma clara os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, para que os alunos consigam compreender, apreender e relacioná-los da melhor forma possível, mas mesmo com esse esforço, o professor consegue perceber que ainda assim, têm crianças que podem não conseguir compreender o que foi passado e/ou acompanhar o restante da turma, sendo necessário além de suas observações, uma conversa com a família para conhecer melhor o aluno e caso seja necessário, essas crianças com alguma necessidade educacional especial, podem ser atendidas na sala de recursos multifuncionais e acompanhadas pelo professor do Atendimento Educacional Especializado.

De acordo com as Diretrizes Operacionais Para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (2009), as crianças com Necessidades Educacionais Especiais, que são o público-alvo do AEE, são os alunos com deficiências, com transtornos globais do desenvolvimento e os com altas habilidades/superdotação, ou seja, os alunos que se encaixarem nesse perfil, tem a possibilidade de serem acompanhados pelo professor do AEE na sala de recursos multifuncionais, com a finalidade de trabalhar as suas particularidades em um ambiente que visa acolhê-los e proporcionar meios para que haja uma evolução na aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

As características gerais do público-alvo do AEE, com exceção dos alunos com deficiência que possuem suas particularidades específicas, são as seguintes: os alunos com

Transtorno do Espectro Autista, por exemplo, que dispõem de condições que afetam seus interesses e atividades, muitas vezes resultando em comportamentos restritos e repetitivos, podendo enfrentar desafios significativos de adaptação e aprendizado na escola. Já os indivíduos com altas habilidades/superdotação, exibem um desempenho excepcional e um potencial elevado em uma ou mais áreas do conhecimento, podendo demonstrar alta criatividade e envolvimento na aprendizagem e na realização de tarefas do seu campo de interesse. Esse foco demasiado pode não ser bem compreendido pelo professor, que precisa atender as expectativas do aluno que avança em relação aos demais. Por esse motivo, é preciso estratégias para trabalhar a área do conhecimento que desperta o foco do aluno superdotado.

Algumas crianças com NEE já saem com seu diagnóstico nos primeiros dias de vida, como é o caso da Síndrome de Down, alteração genética causada por uma divisão celular atípica e que pode ser descoberta ainda na gestação; mas há ainda crianças que só terão suas particularidades percebidas a partir da percepção do professor, dentro da instituição escolar. Podemos citar como exemplo, o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que pode ter um diagnóstico difícil e tardio, por tratar-se de uma síndrome complexa com diversas características comportamentais específicas, como por exemplo, o hiper foco, o apego a rotina e aversão ao barulho. O diagnóstico é essencial para entender o aluno e as suas necessidades cognitivas, e, a partir dessa compreensão, tornar possível requerer estratégias curriculares específicas, com recursos pedagógicos e metodologias adaptadas que os atendam, garantindo uma abordagem inclusiva e de qualidade dentro da escola.

Para que ocorra a efetivação da inclusão dentro da escola, as Diretrizes Operacionais da Educação Especial Para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (2009) garante que os alunos com NEE devem ser matriculados, prioritariamente, nas turmas comuns de ensino regular, e devem ainda usufruir de recursos que facilitem o seu processo de ensino e aprendizagem. É também assegurado um profissional de apoio, quando necessário, para proporcionar ao educando uma maior acessibilidade, para que ele seja envolvido nas atividades escolares e assim ocorra o aprendizado.

Aprender é desenvolver-se como ser humano em seus diversos aspectos, e a aprendizagem da criança ocorre antes mesmo do seu ingresso na educação escolar, afinal, segundo Vygotsky (1991) a aprendizagem dá-se a partir das experiências do indivíduo com a sociedade e com o meio em que ele está inserido. Dessa forma, a criança aprende desde o seu nascimento e vai intensificando a aprendizagem ao ingressar na escola, quando o círculo social aumenta, e assim, esse local poderá lhe proporcionar um ambiente de desenvolvimento humano

em aspectos não só sociais, mas também cognitivos, motores e emocionais, pois segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei de nº 9.304/1996) a finalidade da educação escolar é proporcionar o desenvolvimento pleno do educando. Dessa forma, crianças com NEE possuem o direito de estar no ambiente escolar e, além disso, ter recursos que garantam esse desenvolvimento.

Dentre os recursos que podem facilitar o aprender do educando, podemos citar atividades lúdicas, pois elas desempenham um papel fundamental na formação do intelecto da criança. Vygotsky (1991) destaca que o brincar cria uma “zona de desenvolvimento proximal”, na qual a criança resolve problemas com a orientação de um adulto ou com a colaboração de um colega mais capaz, fortalecendo suas habilidades cognitivas e sociais. Essas atividades lúdicas podem facilitar a aprendizagem e estimular mudanças no comportamento das crianças, mas para que sua aplicação seja bem-sucedida, é necessária uma sensibilidade por parte dos educadores, considerando as características individuais e culturais de cada criança.

A Base Nacional Comum Curricular (2018), documento de caráter normativo que define as aprendizagens essenciais, valoriza as situações lúdicas na aprendizagem dos discentes, pois ao longo do documento, as citações sobre a utilização do lúdico, vão desde os campos de experiência da educação infantil até as áreas do conhecimento do ensino médio.

O lúdico é um recurso pedagógico, utilizado para proporcionar um ambiente de aprendizagem acolhedor e prazeroso. Ele não é caracterizado por um brincar recreativo, mas sim, uma atividade planejada e intencionalmente aplicada que tem a sua finalidade no desenvolvimento educacional dos alunos. Como afirma Chateau (1987):

O significado da atividade lúdica na vida da criança pode ser compreendido quando se considera a totalidade dos aspectos envolvidos: preparação para a vida, prazer de atuar livremente, possibilidade de repetir experiências, realização simbólica de desejos. (CHATEAU, 1987, p.4).

Dessa forma, a ludicidade, como estratégia para a aprendizagem, quando aplicada pelo professor, torna o aprendizado único, pois os jogos desempenham um papel crucial nas experiências educacionais, desenvolvendo diversas habilidades do aluno. A atividade lúdica motiva, promove a concentração e aprimora as relações interpessoais, tudo enquanto proporciona diversão, mas para que o professor consiga ter a habilidade de aplicar o lúdico de forma efetiva, ele precisa conhecer os seus alunos e ter um conhecimento de como o instrumento pode ser utilizado. Almeida menciona que:

O sentido real, verdadeiro, funcional da educação lúdica, estará garantido se o educador estiver preparado para realizá-lo. Nada será feito se ele não tiver um profundo conhecimento sobre os fundamentos essenciais da educação lúdica, condições suficientes para socializar o conhecimento e predisposição para levar isso adiante. (ALMEIDA, 2000, p.63).

A partir desse pensamento e tendo em vista que nem todas as atividades, como jogos, músicas ou histórias, são necessariamente lúdicas, cabe destacar a importância da compreensão teórica do lúdico como um recurso educacional, para poder desenvolver as atividades para crianças com NEE que realmente as alcancem e proporcionem o que o lúdico tem a oferecer.

2.1 O lúdico como estratégia de aprendizagem

O brincar tem raízes antigas na história, nas civilizações antigas do Egito e da Grécia, por exemplo, o lúdico estava presente no cotidiano dos adultos e na educação das crianças. Nos dias hodiernos, o lúdico é valorizado como um recurso que deve estar presente na educação escolar, e o seu uso é previsto em documentos normativos, como por exemplo, na BNCC (2018) Essa valorização do lúdico deu-se também devido a influência de educadores, como Vygotsky (1994) e Piaget (1997) que enaltecem a importância do lúdico no processo de aprendizagem, reconhecendo que jogos e brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento infantil.

Durante as atividades lúdicas é necessária a cooperação entre os alunos ou entre aluno e professor. Vygotsky (1994) apresenta a importância dessas interações sociais que servem de impulso para a resolução de problemas, gerando aprendizagem. Nesse sentido, quando o professor não prioriza apenas a transmissão de conteúdos e passa a adotar uma prática pedagógica baseada no brincar, o espaço escolar é transformado em um ambiente dinâmico, cooperativo e prazeroso, proporcionando o desenvolvimento integral dos alunos.

Para Jean Piaget (1997), os jogos não são apenas objetos para entreter as crianças, mas além disso, eles desempenham um papel fundamental no amadurecimento intelectual. Piaget viu o brincar como um estágio que reflete o desequilíbrio entre a assimilação (incorporar informações) e a acomodação (ajustar os esquemas mentais) e que visa a superação desse desequilíbrio. Dessa forma, a medida que a criança interage com os jogos no processo educativo, ela deverá evoluir no aspecto em que está sendo estimulada.

As atividades lúdicas podem auxiliar também na educação especial, contribuindo para o desenvolvimento do aluno, independente se ele tenha ou não alguma condição específica. Sendo assim, quando bem compreendida e bem aplicada, a educação lúdica passa a ter um papel

relevante no processo de melhoria do ensino, seja na qualificação ou formação crítica do aluno, bem como para definir valores. Nesse sentido, Soares nos afirma que:

O ato de brincar ou jogar traz muitos benefícios para quem participa dessa atividade, pois, contribui para o desenvolvimento físico, social, intelectual, respeito ao outro. A criança supera os desafios através da brincadeira ou jogo, além disso os educandos aprendem a serem cooperativos, aprendem regras, a lidar com seus limites, enfim, não é somente uma atividade que proporciona alegria, prazer, divertimento, direta ou indiretamente está trabalhando na formação do sujeito, para que ele aprenda a conviver com os outros, a respeitar, a aceitar as pessoas que são diferentes, independente se tenham ou não alguma deficiência. (SOARES, 2010, p.19).

Portanto, a ludicidade é importante, não só no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, intelectual e acadêmico das crianças com necessidades especiais, mas também no social, físico e emocional. A relação entre crianças com necessidades especiais é de extrema importância, pois é nelas que acontecem as interações que influenciam de maneira positiva o processo de respeito as diferenças. Soares, coloca que:

A brincadeira é uma ação social do ser humano. Brincar durante a infância é algo cultural, no qual todas as crianças devem passar por esse processo de ludicidade, sendo assim através da brincadeira, do jogo, ocorre a inclusão de forma natural, pois no momento da brincadeira as crianças se entregam a uma ação que está acontecendo, do imaginário, do divertimento e interagem uma com as outras. Com isso, independente da limitação, os educandos especiais também gostam, e participam das atividades lúdicas que o professor desenvolve durante as aulas, sendo assim, nada o impede de interagir durante a brincadeira com os demais colegas de classe, só é necessário fazer algumas adaptações dependendo da limitação do educando para que ele se envolva com mais facilidade nas atividades, sejam elas jogos esportivos, brincadeiras de raciocínio etc. (SOARES,2010, p.19).

No contexto da educação inclusiva, o autor chama a atenção do educador para o significado e importância das atividades lúdicas, para que seja inserido o brincar nas atividades educativas, sendo propositivo em suas ações relacionadas ao desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos em sala de aula, pois é através delas que as crianças vão se desenvolver em seus diferentes aspectos, levando em consideração que, na maioria das vezes, as crianças com necessidades especiais requerem muito mais estímulos do que as outras crianças. Além de tornar a criança cada vez mais autônoma, melhorando a autoestima e a consciência corporal, portanto:

[...] o professor deve se preocupar com alguns detalhes como a organização do ambiente e a prévia preparação dos alunos para a aplicação dos jogos, a fim

de que não se encarem esse momento como um simples passatempo, mas como uma oportunidade de construção de conhecimento. (COELHO, 2010, p.13).

Dentro da educação inclusiva, os jogos e as brincadeiras, a ludicidade de forma geral, trazem um complemento no que se refere a tornar aprendizagem mais significativa e prazerosa, podendo ajudar no desenvolvimento amplo desses alunos, incentivando-os a vivências em grupos, o respeito ao próximo e a convivência social. Kishimoto afirma que:

O jogo é um instrumento pedagógico significativo. No contexto cultural e biológico é uma atividade livre, alegre que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a atividade psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações como estão postos. (KISHIMOTO, 1996. p.26)

O lúdico é um recurso facilitador importantíssimo, assim como enfatiza Kishimoto, as inúmeras possibilidades educacionais, favorecem o desenvolvimento e a socialização. Através dessa estratégia, aplicada de maneira correta, traz inúmeros benefícios, pois proporciona ao aluno uma melhor aprendizagem, bem como os prepara para as vivências sociais, enfim, ajuda no desenvolvimento de todos os aspectos de sua vida.

2.2 O Atendimento Educacional Especializado (AEE)

Entendemos no tópico anterior, que o lúdico apresenta inúmeros benefícios e que não se refere apenas ao brincar, mas é essencial para o desenvolvimento humano, estimulando a criatividade, a socialização, além de ser um recurso pedagógico que pode proporcionar o desenvolvimento de atividades que estimulem o raciocínio lógico, dentre outras, tornando-se mais atrativo aos olhos das crianças. De acordo com Gulinelli (2008 p. 9), “a atividade lúdica é um fator muito importante para o desenvolvimento da criança. Por meio dela podemos tornar a aprendizagem mais prazerosa (...)”. Com base nisso, acreditamos que aprender utilizando esse tipo de estratégia, é um grande incentivo positivo para as crianças se desenvolverem.

Consideramos a aprendizagem um fator prazeroso também para crianças com deficiência, pois estimula a criança a desenvolver habilidades dentro de um determinado conteúdo, portanto o uso do lúdico na sala de atendimento educacional especializado é um importante aliado para a aprendizagem da criança, criando condições de igualdade. Silva

(2004), declara que o lúdico é importante não só para a educação, mas também para o ser humano em desenvolvimento, então nesse sentido, precisamos humanizar as atividades que passam pelo lúdico.

O lúdico não se limita apenas aos espaços externos da escola. Por intermédio dessa ferramenta a professora da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) deve trabalhar levando em consideração as dificuldades da criança e de suas potencialidades para que essa aprendizagem seja feita de forma descontraída e lúdica, facilitando assim o interesse do aluno. Segundo o site do MEC (2008), o atendimento educacional especializado (AEE) tem dentro de suas funções: “identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos considerando as necessidades específicas de cada aluno”. Esse atendimento é realizado, prioritariamente, na Sala de Recursos Multifuncionais da própria escola, sendo pública ou privada, ou seja, o professor da (SRM) tem grande contribuição para que ocorra a aprendizagem desse aluno e para isso ele se utiliza de estratégias que promovam a aprendizagem.

O trabalho desenvolvido no AEE complementa e/ou suplementa positivamente a formação dos alunos exercendo sua autonomia e independência dentro e fora da rede escolar. Ademais as atividades desenvolvidas na sala de recurso diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum e têm finalidade de fazer com que as barreiras linguísticas, cognitivas, conceituais físicas, visuais, dentre outras, sejam superadas. Para isso, o professor da SRM necessita elaborar um estudo de caso de cada aluno para poder orientar-se nas estratégias do seu atendimento, além disso, precisa atuar em parceria com o professor da sala de aula regular.

O acompanhamento na SRM influencia positivamente as crianças com NEE matriculadas dentro da rede escolar, visto que, o olhar desenvolvido pelo profissional para essas crianças é diferenciado. Muitas crianças atípicas sentem a necessidade de seguir quadro de rotinas e outras especificidades, então acreditamos, que o período de atendimento especializado, contribua para o convívio e para a socialização da criança no meio que ela está inserida e na aprendizagem. É importante ter um ambiente adequado para realizar esse acompanhamento, visto que, algumas crianças apresentam dificuldades sensoriais, portanto deve ser um ambiente propício para que assim esse atendimento torne-se proveitoso. Essa preocupação deve-se estender além da sala de recurso, pois a criança também está inserida em outros ambientes, como por exemplo a sua sala de aula regular.

Para exercer esse atendimento é necessário que os educadores da SRM, possuam cursos na área de Educação Especial e cursos voltados para a atuação no AEE. De acordo com o documento do MEC, (2008, p.04) “Para atuação no AEE, o professor deve ter formação inicial

que o habilite para o exercício da docência e formação específica na educação especial, inicial ou continuada”. O professor de AEE precisa ter consciência de suas limitações e buscar ultrapassá-las, tornando-as fonte de incentivo para estudar e buscar novas técnicas de ensino para trabalhar dentro da realidade de cada criança.

É importante esclarecer que o atendimento educacional especializado é realizado no contraturno em que o aluno está matriculado na própria escola regular, com equipamentos, recursos de acessibilidade e materiais pedagógicos que auxiliam na escolarização. Nesse contexto, as atividades lúdicas são importantes, pois através delas, podemos trabalhar diversos objetivos. As crianças podem trabalhar com pintura, utilizar jogos de tabuleiros que trabalhem comandos, jogos que trabalhem atenção sustentada e coordenação motora, fantoches, dentre outros.

Conforme afirma Hoffmann (2012 p.76), “acompanhar o desenvolvimento de uma criança de forma plena, exige muito mais do que uma simples nota, pelo fato de cada criança apresentar a sua particularidade. Considera-se que umas desenvolvem-se de forma muito rápida, outras, um pouco mais lenta”. Kishimoto afirma que:

[...] Uso do brinquedo / jogo educativo com fins pedagógicos remete-nos para a relevância desse instrumento para situações de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Se considerarmos que a criança pré-escolar aprende de modo intuitivo, adquire noções espontâneas, em processos interativos, envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais, o brinquedo desempenha um papel de grande relevância para desenvolvê-la. (KISHIMOTO, 2003, p. 40).

Portanto, o lúdico mostra ser bastante útil para trabalhar com crianças que apresentam necessidades educacionais especiais, devido ao seu variado alcance, podendo a criança, brincar, jogar etc. O professor do AEE, pode então, criar estratégias e metodologias de ensino que variam de acordo com a necessidade de cada estudante, atendendo assim suas dificuldades de maneira específica. Para Dohme (2011), o lúdico é uma excelente estratégia pedagógica para engajar os estudantes e não se resume apenas a brincadeiras, mas sim no uso de abordagens diversas que estimulem a criatividade, o desenvolvimento de habilidades e diferentes formas de promover a aprendizagem.

Nessa perspectiva, o professor do AEE, deve planejar suas ações pedagógicas junto aos estudantes de forma individual ou em grupos e instrui o estudante a usar sua criatividade, permitindo que ele faça uso de suas capacidades mentais e físicas, pois a:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis de aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Lei Brasileira de Inclusão (ART 27, BRASIL, 2015)

Portanto, as metodologias empregadas na sala de AEE para atender as demandas da BNCC (2018), devem buscar a criatividade do indivíduo e conter conceitos científicos, mesmo que sejam simples, para que o aluno possa alcançar o máximo das suas habilidades e, assim desenvolver-se de forma plena. Mantoan (2015) afirma que “a distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecermos o processo de transformação das escolas”. (MANTOAN, 2015, p. 29). Nesse sentido, entende-se que a falta de conhecimento ao formalismo impede, muitas vezes, que a inclusão aconteça de fato, prejudicando que essas crianças alcancem seu máximo desenvolvimento possível dentro das suas potencialidades.

3 METODOLOGIA

Nesta etapa iremos mostrar o trajeto de como foi realizado a nossa pesquisa, identificando os principais autores utilizados e como se deu a coleta e análise de dados.

3.1 Desenho da pesquisa

A presente pesquisa é de caráter bibliográfica, que para Fonseca (2002) é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web, sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Para tal, foi fundamentada em autores como Kishimoto (2003), Vygotsky (1994), Soares (2010). Eles discorrem sobre a importância da aplicação do lúdico no processo de ensino e aprendizagem. Utilizamos também alguns documentos norteadores sobre o AEE, como As Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (2009) que nos orienta sobre o que é, a sua institucionalização, seu público-alvo, como também como formação e

atribuição do professor nessa área. A pesquisa também tem uma abordagem qualitativa, que segundo Denzin e Lincoln (2006) acreditam que a pesquisa qualitativa é o melhor modo de se aproximar da perspectiva do sujeito, através do seu cenário natural e do contato direto com a fonte. Também foi feito uso da pesquisa de campo, que segundo Gonsalves (2001, p.67), “[...] é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]” Dessa forma, parte dessa pesquisa foi realizada dentro de uma escola de ensino regular.

3.2 Local e participantes da pesquisa

O lócus dessa pesquisa foi uma Escola Municipal de Fortaleza, localizada no bairro Dias Macedo e abrange as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Anos Finais) e EJA I, II, III e IV, funcionando os três turnos. A escola foi inaugurada em 26 de setembro de 1992 e foi oficialmente implantada pelo então prefeito de Fortaleza Juraci Vieira de Magalhaes, através do Ato 3.740/93, publicado no D.O.M., número 16.216 de 13 de janeiro de 1994.

A escola apresenta uma sala de recursos multifuncionais, que tem cerca de 26 alunos matriculados no contraturno, distribuídos da seguinte forma: 23 com transtorno do espectro do autismo, 16 com deficiência intelectual e 2 com paralisia cerebral. Além destes, possui mais 3 alunos com diagnóstico a verificar. O perfil socioeconômico deste público, encontra-se na faixa de baixa renda.

A escolha do *lócus* se deu pelo fato de ter uma sala de recurso multifuncional, com atendimento educacional especializado e com um quantitativo de alunos matriculados razoavelmente baixo, se comparado a outras escolas que visitamos, sendo assim, podendo ser um ambiente mais propício para a professora executar suas atividades. Ademais fomos bem recebidas pelo núcleo gestor da escola e pela professora que atua na SRM, colocando-se a nossa disposição para esclarecer qualquer dúvida sobre o seu trabalho.

O sujeito dessa pesquisa foi a professora pedagoga lotada na sala de recurso multifuncional, que executa o atendimento educacional especializado com os alunos com necessidades educacionais especiais, matriculados na escola. A professora é formada em pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e pós-graduada em psicopedagogia

clínica e institucional pela Universidade Estadual do Vale do Aracá (UEVA). Além disso, possui diversos cursos de extensão relacionados à área de Educação Inclusiva pelo Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará (CREAECE), sendo assim, enquadrada no nosso critério de escolha para a pesquisa.

3.3 Coleta e análise dos dados

O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada composta por dez perguntas que foram elaboradas de acordo com os objetivos da pesquisa em questão. De acordo com Fraser e Gondim (2004), “a entrevista semiestruturada proporciona que o entrevistado fale o que está acessível em sua mente naquele momento de interação com o entrevistador, tornando-a um processo de influência mútua na produção do discurso”. (FRASER E GONDIM, 2004, p.140), visto isso, conseguimos identificar um pouco da realidade que acontece dentro do ambiente da sala do AEE e a utilização do lúdico.

3.4 Aspectos éticos

A participante entrevistada assinou o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) onde deixa-se claro o sigilo em relação aos dados coletados para pesquisa. Ela autorizou o uso de suas respostas durante a entrevista para fins acadêmicos. A escola também autorizou a realização da pesquisa assinando o Termos de Anuência Institucional – TAI, permitindo a visita e a entrevista. Quanto aos benefícios deste estudo, são esperados resultados satisfatórios sobre o uso do lúdico como estratégia para a aprendizagem de crianças com necessidades educacionais especiais no atendimento educacional especializado - AEE.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foi realizada em 20 de outubro de 2023, às 08:00 da manhã, com a professora da sala de recursos multifuncionais de uma escola da rede municipal de Fortaleza. Ela autorizou a gravação de suas respostas, na qual será usada as partes mais relevantes na análise, estando na íntegra nos anexos dessa pesquisa. A professora atua na escola escolhida

desde o ano de 2014, como professora da sala de recurso multifuncional, atuando no atendimento educacional especializado de crianças matriculadas na escola em questão. Para uma melhor organização da respectiva fala, usamos o termo “professora do AEE” com o objetivo de manter o sigilo da identidade da entrevistada.

Na primeira pergunta questionamos a “professora do AEE” sobre o que é o lúdico e qual a sua importância na aprendizagem. A professora respondeu:

Lúdico pra mim, é esse trabalho, principalmente com o material concreto. Porque todos eles [...] tem dificuldade em abstração. E essa abstração é muito utilizada em sala de aula, né!? E o lúdico é isso... É uma atividade prazerosa. Pode ter um dia que eu trago o aluno e eu planejo uma atividade, e aí quando eu mostro aquela atividade pra ele, ele mostra o mínimo de interesse [...] O que é que eu faço? Vamos fazer o seguinte, vamos procurar um joguinho, você só pode pegar um, aí eu vou determinando as regras. Aí a partir do jogo que ele escolhe, a gente vai trabalhando. [...] no nosso planejamento, você tem que colocar na cabeça, ele é flexível. Às vezes, qualquer outro dia ele pode fazer, mas exatamente naquele dia, ele não vai fazer [...], vai depender do estado de espírito dele[...]. Um exemplo, se você vai utilizar o bloco lógico... Eu tenho aqui três alunos diferentes, é incrível, é o mesmo instrumento, mas com cada um você utiliza de uma forma diferente... E aí cada um vai tá ali no seu nível e a gente vai explorar de uma forma diferente. Raras exceções eu uso de atividades parecidas com as da sala de aula, porque não faz sentido folha, papel...

A “professora do AEE” entende que o lúdico é uma atividade aprazível que acontece principalmente com o uso de material concreto, sendo utilizado para trabalhar questões que envolvam abstração, e ela relata essa dificuldade entre as crianças que ela atende. Por esse motivo, ela utiliza-se muito do lúdico através dos materiais concretos que ela possui na sala de recurso. Para isso, é necessário um planejamento prévio, considerando os diversos níveis de cada criança e baseando-se no gosto e nas suas habilidades e/ou dificuldades.

Nesse contexto, entendemos que o lúdico é uma atividade agradável e é aplicado na sala de AEE de diversas maneiras, de forma que a professora pode adaptar a sua aula em função do interesse do aluno, mas apesar dessa flexibilidade, é importante trabalhar com objetivos claros, específicos, para que não seja apenas uma brincadeira descontextualizada, mas um momento rico de aprendizado e de desenvolvimento. Diversas estratégias podem ser utilizadas, como o jogo; mas um jogo planejado, que tem como objetivo levar ao aprendizado do aluno.

A respeito do lúdico, Coelho (2010) afirma que o brincar, como um instrumento para a aprendizagem, é um aliado dos professores também no que diz respeito a orientação de alunos com necessidades especiais, pois seu uso tem o objetivo de desenvolver as potencialidades

desses alunos. É importante um olhar atento do professor nesse processo, respeitando o tempo de cada aluno, procurando sempre estratégias e atividades lúdicas que possam contribuir nesse processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Na segunda pergunta questionamos a “professora do AEE” sobre quais materiais e atividades lúdicas ela utiliza na sala de AEE. Ela disse:

Caixa tátil, os alfabetos ilustrados, aí tem jogos da memória de letra, tem associação de formas geométricas, [...] formas e imagens [...]. Aí tem uns que são temáticos... Dos transportes, animais. [...] Tem brinquedos do meu filho que eu trago, que ele não usa mais e eu trago. Acho que todas as professoras do AEE fazem isso ou então a gente compra, passa naquelas feirinhas que tem às vezes no shopping, aqueles quiosques que tem uns mais baratos, aí a gente compra. Aí, por exemplo, às vezes pra criança “desregulada”, é ótimo, espalho algum brinquedo no chão, sento também e começo a brincar com ele, aí a gente brinca pra se acalmar e depois a gente faz outra coisa né. Então, vai depender muito... Eu tenho uma aluna que quando ela tá “desregulada”, ela adora sentar e desenhar. Só em você trazer ela pra cá... Ela entra aqui, ela já sabe aonde tá a folha, ela pega uma folha aí vem pra cá e desenha sempre a mesma coisa, ela, o pai dela e a mãe dela. Aí pronto, ela começa a desenhar, ela se acalma e daqui a pouco ela volta pra sala. Você vai conhecendo os alunos aos poucos e é isso.

Notamos que os materiais lúdicos da sala de AEE são feitos para trabalhar aspectos que possam desenvolver no aluno habilidades que o ajudem na sala de aula, como por exemplo, jogos com letras e formas geométricas; então é interessante perceber que eles possuem uma intencionalidade pedagógica, uma extensão da sala de aula. “A professora do AEE” nos mostra como esses brinquedos são necessários também quando uma criança com NEE está em crise e com a interferência da professora e a utilização de atividades lúdicas, a criança pode se tranquilizar e depois voltar para a sala de aula ou continuar com o seu atendimento.

Essas atividades lúdicas feitas pelos alunos com a orientação/participação da professora são essenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento dessas crianças, pois o brinquedo desperta e cativa o seu interesse, e quando esse brinquedo tem uma intencionalidade pedagógica, ele pode contribuir para a formação do aluno com NEE. Afinal, segundo Vygotsky¹(2000):

É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento da criança [...] O jogo da criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda às exigências e inclinações da própria criança. (VYGOTSKY, 2000, p.126).

Compreendemos então que ao utilizar materiais lúdicos, a professora consegue despertar na criança a atenção, o interesse, com a finalidade também de acalmá-la, além de poder utilizar esse material com finalidade educativa. Ela também demonstra atenção e interesse em sua prática, adquirindo muitas vezes de modo particular, alguns objetos para a sala de AEE.

Na terceira pergunta buscamos compreender quais as atribuições da “professora do AEE” dentro daquele espaço, assim como, qual o público ela atende nessa sala. Ela respondeu:

O público-alvo são todas as crianças com deficiência, TDAH não entra, TOD não entra. Entra se tiver comorbidade: AUTISMO COM TOD, AUTISMO COM TDAH. Só entra se o laudo apresentar a comorbidade [...] O professor tem que ser mediador, articulador [...] eu tenho que tá com as famílias, eu tenho que tá com os alunos, eu tenho que tá com os professores ajudando no planejamento, no tipo de formação, trazendo conhecimentos para os professores[...] Se for uma criança já com o laudo, chegou com o laudo, aí você faz entrevista com a família, faz entrevista com o aluno, dependendo da idade, porque você não vai fazer uma entrevista com uma criança de 4 anos, faz avaliação pedagógica, faz o estudo de caso e o plano de atendimento. Tem que ter isso. Digamos que a criança vem por professor, o professor identifica o aluno ali, a família não falou nada ainda, mas o professor identifica, aí tem o instrumental, o professor recebe o instrumental, responde encaminhando pro AEE. De acordo com as respostas dele, se eu identificar ali[...] A maioria das vezes que o professor me pede esse instrumental pra preencher, você vê que é um TDAH, então assim, geralmente é reclamando da falta de atenção, falta de concentração, agitação motora, mas aí a gente vai dá uma olhadinha no aluno, pra vê se vê algo além do TDAH aí não vê[...] Pessoal, o TDAH é o seguinte: É o relatório de sala de aula, coordenação pode chamar a mãe e faz um encaminhamento. Antes eu fazia, mas só que a demanda tá muito grande e eu não vou dá conta dos meninos com deficiência e TDAH, como TDAH não é público, então eu passo a bola pra coordenação.

“A professora do AEE” demonstra bastante propriedade em relação aos alunos que ela atende dentro do seu ambiente e auxilia os professores da sala regular a identificarem quais alunos estão aptos para realizar esse atendimento, visto que, muitos professores tendem a confundir casos de diagnóstico ou de questão comportamental dentro da personalidade daquela criança, em virtude do seu comportamento em sala.

De acordo, com Hoffmann (2001), a instrução da professora do AEE é essencial no ambiente escolar, ou seja,

[...] a visão do educador/avaliador precisa ultrapassar a concepção de alguém

que simplesmente observa se o aluno acompanhou o processo e alcançou resultados esperados, na direção de um educador que propõe ações diversificadas e investiga, justamente, o inesperado, o inusitado. Alguém que provoca, questiona, confronta, exige novas e melhores soluções a cada momento. (HOFFMANN, 2001, p.111)

A partir disso, percebemos a grande responsabilidade e atribuições que o profissional da sala de Atendimento Educacional Especializado precisa ter, pois se trata muito além de uma especialização qualificada. Sendo necessário, em alguns casos, um olhar empático também para aquelas famílias, que algumas vezes não conseguem ter a dimensão do que se passa com o seu filho.

Na quarta pergunta indagamos a “professora do AEE” se é necessário utilizar alguma metodologia específica na sala do AEE. Se sim, quais?

É bem relativo, eu posso até planejar, hoje vou trabalhar blocos lógicos com fulano, cicrano e beltrano, mas é como eu falei: Não sai do mesmo jeito[...] Eu reduzi minha carga horária, vou ficar com os alunos da manhã, então o que eu estou fazendo: Eu tiro 20 minutos de sala, estourando 30, então assim, eu trago, faço uma atividade, pode ser uma ou duas, se for uma atividade com uma boa qualidade, pra mim, já estou satisfeita. Dependendo da criança, dá tempo fazer duas, até três atividades mesmo com 30 minutos. E tem criança que não dá tempo concluir uma atividade, é muito singular. E tem criança que você fica arrasada de não conseguir nada, né?

A professora tem consciência da importância do planejamento e sabe da necessidade de compreender que existem dias que serão necessários adaptar esse plano dentro das condições cognitivas que a criança apresenta, pois além de suas limitações motoras, físicas ou cognitivas, existem os dias atípicos e é necessário acolher aquela criança, buscando compreender o que está por trás daquele determinado comportamento naquele dia.

Nesse cenário, percebemos que um recurso “X” que desenvolve uma criança dentro de um aspecto, poderá não servir para outra criança que possua as mesmas demandas. Cada criança tem sua particularidade e individualidade, portanto, é necessário que os estímulos sejam contínuos e as estratégias sejam diversas para atingir o objetivo inicial. É necessário que o professor esteja sempre adequando recursos diferentes, para que assim, garanta uma aprendizagem significativa para criança, respeitando a socialização, o respeito e a individualidade de cada uma.

Na quinta pergunta fizemos o seguinte questionamento à “professora do AEE”: os recursos lúdicos utilizados em sala contribuem para a aprendizagem dos alunos com NEE e tem alguma atividade que eles mais gostam? A professora respondeu:

Sim! o que eles mais amam, gente, são esses jogos de encaixe, é incrível! Sabe? É como se hipnotizasse a criança. Aí, tem uns que formam desenhos, a coisa mais linda, caminhão, eu não sei fazer! mas tem uns que fazem o carrinho, eles dão forma [...] esse caiu perdeu também. Porque quando cai com eles, aí eles dizem assim: vou mais não. Eu digo: ah vai sim, tem que aprender a perder da próxima vez tu vai ganhar. Aí se eles perderem de novo, vou mais não, e sai birrado daqui. Mas eu adoro trabalhar nesse ponto de fazer eles perderem, pra eles serem frustrados. Às vezes sou malvada. [...] letras moveis eu adoro, a gente quer trabalhar o nome, os números móveis dependendo da criança de 1 a 5, aí você embaralha os números, vai colocando na sequência. Porque assim, no papel já tem na sala de aula, tem que ser números móveis[...] às vezes, deixo eles riscar na parede, minha parede tá [...] toda manchada. Então assim, tem que ser esse material concreto. Tem que ser!

“A professora do AEE” mostra-nos a importância dos jogos como os de encaixe, relatando ser os preferidos das crianças. Esses jogos contribuem muito para a interação, para o controle da ansiedade, das emoções e dos medos. Essa contribuição gera o desenvolvimento da criança e auxilia na sua aprendizagem. Através dos jogos, ela trabalha a frustração, incentivando-os a tentar novamente quando eles perdem. Nesse sentido, os jogos na aprendizagem tornam-se ferramentas importantes que incentivam o engajamento e ajudam a trabalhar seus sentidos e a desenvolverem a imaginação e a criatividade.

Segundo Kishimoto (2010),

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia a dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade, por meios de diferentes linguagens[...] (KISHIMOTO, 2010, p, 01).

Segundo a autora, o uso do lúdico torna-se algo importante, como uma forma de desenvolver a imaginação e a vivência das relações, através dos brinquedos. A criança transmite as suas ações e reações, vai aperfeiçoando sua identidade, aprendendo com mais facilidade os desafios que forem colocados para ela e a professora vai adaptando a realidade de cada criança, se utilizando sempre de material concreto.

Na sexta pergunta questionamos a “professora do AEE” sobre as estratégias e os recursos que mais utiliza na sala de AEE. A professora respondeu:

Todos! Alfabeto móvel, jogo da memória, pareamento, gosto muito de trabalhar com pareamento. É como se fosse o jogo da memória só que a gente vai fazendo o pareamento das peças iguais aí depois é que parte pro jogo da

memória. Começo com o pareamento, depois com o jogo da memória. É, leitura de imagens [...] os aramados, [...] o ábaco, adoro o ábaco pra eles fazer continhas [...] quebra-cabeça, alinhável [...] a sequência lógica; esses da madeira, sequência lógica, eu acho um pouco avançado, aí quando eu pego uma criança menor eu já imprimo da internet uma sequência mais fácil, aí eu começo com a sequência fáceis, aí, depois passo pra mais avançada.

A professora elenca diversos jogos que utiliza como recurso na sala de AEE, cada jogo usado pelos alunos são instrumentos com objetivo de proporcionar a eles uma maior desenvoltura nas atividades que requerem raciocínio lógico, atenção, concentração, coordenação motora, criatividade, dentre outros aspectos. Ao brincarem, os alunos inserem-se no mundo das aprendizagens concretas, e dessa forma, as brincadeiras contribuem para o seu dia a dia. Assim, entendemos que no brincar, a professora já sabe qual o jogo é o mais adequado para aquela criança, fazendo adaptações para que chegue ao nível em que aquela criança se encontra, pois ele é fundamental para o processo do seu desenvolvimento, e na construção de sua aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1987)

O brincar é uma atividade criadora, na qual a imaginação, a fantasia e a realidade interagem na produção de novas possibilidades, de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, e assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos. (VYGOSTKY, 1987, p. 35)

Quanto mais interações, mais experiências, maior será o desenvolvimento cognitivo, pois as crianças construirão relações sociais diversas. Os jogos possuem objetivos claros para o desenvolvimento da criança. O brincar torna-se fundamental, tanto para o aprendizado, como para o desenvolvimento da criança, pois com ele, ela aprende novas habilidades através da socialização e do apoio do professor, sendo seu uso bastante significativo na sala de AEE.

Na sétima pergunta questionamos a “professora do AEE” sobre como era feito o planejamento do atendimento para a sala de AEE e como a escola ajuda nesse processo. A professora respondeu:

Não ajuda! para não dizer que sou solitária, [...] hoje em dia depois da estagiária de psicologia [...] eu deixei de ser uma solidão em pessoa! [...] é o professor que mais solitário, lida com todo mundo ao mesmo tempo, professor mais solitário é o do AEE, [...] porque por mais que a gestão diga, eu sou inclusiva, é mentira! Nós somos esquecidos. [...] Todas as sextas feiras são dias de planejamento, mais é rara as vezes em que eu consigo planejar por que as vezes tem formação; aí você sai pra formação, às vezes vem professor me procurar[...] mais se bem que quando vem professor, eu amo! mas às vezes

acontece imprevistos, às vezes, eu tô aqui planejando entra um aluno em crise e mandam chamar quem?[...] muitas vezes eu planejo em casa, então assim, o professor tem esse peso de levar trabalho pra casa, o médico não faz consulta em casa! Só o professor, e isso é geral [...] o professor de sala de aula, o professor do AEE.

A professora relata que não possui ajuda por parte da gestão da escola, sente-se bastante solitária em um ambiente no qual todos dizem ser inclusivos, mas que na verdade são esquecidos e lembrados apenas quando há alguma demanda com um aluno. Relata ainda que, pelos percalços do dia a dia, não consegue realizar seu planejamento na escola. Desse modo entende-se que o professor do AEE passa por inúmeros desafios. Entendemos que a professora não possui ajuda em seus planejamentos e quando consegue um tempo, sempre é solicitada para atender algum aluno em crise, e, muitas vezes, realiza seu planejamento em casa, o que considera um peso dessa profissão.

Nesse contexto, Mantoan (2003) afirma que “a escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares” (MANTOAN, 2003, p.43). Portanto, existe o aluno que precisa que os dois lados trabalhem juntos para que a inclusão funcione, mas a burocracia e a dificuldade em conversar e de planejar um trabalho conjunto, não permitem que a inclusão aconteça de fato.

Na oitava pergunta questionamos a “professora do AEE” sobre o seguinte assunto: O que te despertou para trabalhar dentro dessa área, atuando como professora de AEE? Fale um pouco sobre sua formação e as principais dificuldades encontradas nessa área. A professora respondeu:

Pedagoga, psicopedagoga, só que aqui dentro eu não exerço eu não exerço a psicopedagogia. [...] demorei 6 anos para engravidar quando engravidei meu filho nasceu com o pé torto congênito, [...] levando ele nas clínicas sempre me deparava com crianças com deficiência, pois o médico dele era um Neuroortopedista [...] quando se fala de Neuro, vocês já sabem que seus pacientes são crianças com deficiência [...] foi a partir dessas idas as clínicas, que eu comecei a ter contato com crianças com deficiência, [...]quando eu via uma criança com síndrome de Down eu tinha medo, [...]Foi através do contato com crianças com deficiência, que me transformei, em uma outra pessoa , eu passei a ter empatia que não tinha[...] Deus me deu uma oportunidade em fazer a seleção para o AEE, em 2014; fiz a prova e em seguida uma entrevista[...]; ela me perguntou porque que você tá aqui? [...] eu tenho um filho como pé torto congênito e o fato de estar me deparando com crianças com deficiência me sensibilizou, e eu quero trabalhar com elas, [...]então assim, foi algo totalmente pessoal e eu já tinha feito a psicopedagogia, eu achava que um dia eu ia trabalhar com crianças com transtorno de

aprendizagem, a dislexia, a Discalculia, [...]fui pra um lado totalmente diferente e gostei e tô aqui até hoje e já são 10 anos no AEE.

A professora relata como foi o seu processo de chegada até o atendimento educacional especializado, a falta de conhecimento sobre as deficiências lhe causava medo, do desconhecido, mas quando vivenciou, passou ter empatia por essas crianças e até trabalhar com elas e por elas. Mendes (2006) coloca que:

[...] inclusão estabelece que as diferenças humanas são normais, mas ao mesmo tempo reconhece que a escola atual tem provocado ou acentuado desigualdades associadas à existência de diferenças de origem pessoal, social, cultural e política, e é nesse sentido que ela prega a necessidade de reestruturação do sistema educacional para prover uma educação de qualidade a todas as crianças. (MENDES, 2006, p. 64)

Às vezes o desconhecido nos causa estranheza, mas com todas as diferenças, somos considerados “normais” e para isso normalizar-se, é necessário que seja trabalhado a inclusão na escola regular desde a primeira infância, dando oportunidade às crianças de socializarem-se com seus pares indiscriminadamente. Assim, quando chegarem a vida adulta, serão pessoas melhores e mais inclusivas perante a sociedade como um todo.

Na nona pergunta, indagamos o seguinte: A escola oferece formação continuada voltada para as práticas pedagógicas no AEE?

Não, quem oferece é a prefeitura, e mesmo assim tá fraco, passamos três anos sem ter formação da prefeitura, oficial, também por conta da pandemia, a última formação foi em 2018. Esse ano foi que voltou, mas está com dois meses que não tem formação, a última que teve foi a da semana da inclusão no mês de agosto, não está uma coisa contínua, pois quando cheguei em 2014, as formações eram de quinze em quinze dias, no Impah, a gente passava o dia inteiro lá, estudamos todas as deficiências, como fazer estudo de caso, como fazer plano de atendimento, estudamos de tudo.

A professora relata que atualmente as formações não são tão frequentes como eram antes, talvez por causa da pandemia, mas mesmo agora, já tem alguns meses que não tem. A formação continuada é essencial para o fazer pedagógico, e, principalmente, para a educação inclusiva. É através dela que a prática docente será aprimorada, através de compartilhamento de ideias e vivências, aquisição de mais conhecimentos, tudo isso trará uma melhor bagagem pedagógica e por consequência uma melhor aplicabilidade em seu fazer pedagógico.

Nesse sentido, Mantoan (2015) coloca que:

O exercício constante e sistemático de compartilhamento de ideias, sentimentos e ações entre professores, diretores e coordenadores da escola é uma das saídas para obter o sucesso almejado na formação emergencial para a inclusão. (MANTOAN, 2015, p.81).

É mister que o profissional esteja sempre atualizando-se para exercer seu papel com excelência e para isso ele precisa estar bem-preparado, por isso observa-se a grande importância da formação continuada, para um melhor aprimoramento do professor e aprendizagem das crianças atendidas no AEE.

Na décima pergunta, indagamos: Considerando o progresso de cada criança, você observa que quando usa o lúdico como recurso metodológico, ele contribui para o desenvolvimento da criança? De que forma?

Sim, de acordo com que vou observando da criança e sua singularidade, seus gostos, eu proponho uma atividade, e depois vou aumentando o grau de dificuldade, como no caso de um aluno que tudo dele é *Sonic*. A gente imprimiu uma atividade para fazer o pareamento de personagens, outra atividade foi relacionar figuras do *Sonic* e suas quantidades na matemática, trabalhando em cima do foco dele para um melhor desenvolvimento, trabalhamos as letras da palavra *Sonic*, e assim ele agora conhece quase todas as letras do alfabeto.

A professora responde afirmativamente sobre a contribuição do lúdico como recurso metodológico, relatando como utiliza uma atividade lúdica com a criança, levando em consideração o seu personagem favorito. Podemos observar o poder da ludicidade no desenvolvimento da criança e como a professora estava atenta as especificidades dela para elaborar uma atividade que melhor ajudasse em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. De acordo com Vygotsky (2000),

[...]é na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva, pois a criança comportase de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras. (VYGOTSKY, 2000, p.27).

Portanto, o lúdico como recurso facilitador da aprendizagem, não pode ser utilizado de qualquer maneira. Ele precisa ser estudado, avaliado, e principalmente tem que ser bem aplicado de acordo com as singularidades dos alunos, utilizando de seus gostos para que possa haver um melhor aprendizado. Para isso é importante que o docente esteja sempre atento e buscando uma

melhor maneira de fazer a aplicação do lúdico nas atividades com as crianças e assim contribui na aprendizagem das crianças, seja na sala regular, como na sala de AEE.

5 CONCLUSÃO

Compreende-se através dessa pesquisa que a utilização do lúdico como estratégia de aprendizagem para crianças com necessidades educacionais especiais (NEE) dentro da sala de atendimento educacional especializado (AEE) é essencial, pois possibilita através da intervenção da professora, que a criança se desenvolva e trabalhe áreas onde existam maiores dificuldades, o que irá contribuir no seu desenvolvimento.

Para que o uso do lúdico tenha êxito na sua aplicabilidade, faz-se pertinente que ocorra um planejamento que leve em consideração as particularidades de cada criança, para que seja trabalhado o que ela necessita. Além disso, é importante o trabalho da professora do AEE, juntamente com os professores da sala de aula regular, para que possam identificar as características dos alunos com alguma necessidade educacional especial e se necessário, alertar a família para que ela tome as medidas necessárias, para que assim, possam ser atendidos na sala de recursos multifuncionais.

Concluímos então que os objetivos da presente pesquisa foram alcançados, tendo em vista que compreendemos a importância do uso do lúdico, como estratégia de aprendizagem e que ele contribui para o desenvolvimento de crianças com Necessidades Educacionais Especiais, pois ele cativa as crianças através das atividades, proporcionando diversão e interação com o material e com o professor; identificamos também os jogos e estratégias utilizados pela professora, voltados para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, sendo bastante utilizados por ela.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. N. **Educação Lúdica, técnica e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 2000.
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação. Brasília, DF. 2018

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. BRASIL, 2017.

BRASIL. **Lei nº 13. 146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Congresso Nacional, 2015.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 22 set. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CHATEAU, J. **O jogo e a criança.** São Paulo: Summus, 1987.

COELHO, Vania. 2010. **O jogo como prática pedagógica na escola inclusiva.** Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1485/CoelhoVaniaMaria.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2023.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais,** 1994, Salamanca-Espanha.

Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação especial, Brasília: MEC, 2009.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOHME, V. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRASER, M. T. D; GONDIM, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, Ago. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103863X2004000200004> . Acesso em 10 out.. 2023.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP> Alínea, 2001.

GULINELLI, Deize. **A ludicidade nos anos iniciais do ensino fundamental: uma retrospectiva dos jogos tradicionais.** São Paulo, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança.** Porto Alegre: MEDIAÇÃO, 2012. Pg. 23-25, 36, 76.

KISHIMOTO, Tizuko Morchila. **O jogo e a educação infantil..** São Paulo: Pioneira, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, brincadeira e a educação.** 7 Ed. São Paulo: Cortez, 1996

MANTOAN, M.T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** 1Ed. São Paulo: Moderna, 2015

MENDES, E. G. **A radicalização do debate sobre a inclusão escolar no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. V.11, nº33. Dez. 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a02v1133.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2023.

PIAGET, J. A. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

PIAGET, J. A. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

SILVA, M.S. **clube da matemática: jogos educativos**. Campinas:Papirus,2004.

SOARES, Edna. 2010. **A Ludicidade no processo de inclusão de alunos especiais no ambiente educacional**. Disponível em:
<<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/EMS.2.2010.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2023.

VYGOTSKY, I.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, I.S. Obras escolhidas I, II e III. Madrid: Visor, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4º Edição. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.